

PREDICAÇÃO E VERBO SUBSTANTIVO EM ABELARDO

Guy Hamelin

UnB

A expressão ‘verbo substantivo’ (*uerbum substantiuum*) refere-se notadamente ao verbo ‘ser/estar’ (*esse*), porque ele é predicado a partir da própria essência ou substância de uma coisa (*ex ipsa rei essentia*), como diz Abelardo.¹ ‘Sócrates é’ simplesmente quer dizer que Sócrates existe. Além disso, uma frase como ‘O homem anda’ (*Homo ambulat*) é analisada, desde Aristóteles, em ‘O homem está andando’², ou seja, mesmo aí a onipresença do verbo substantivo parece inalterável. A influência do *De Interpretatione* de Aristóteles nessa questão é manifesta e o autor constitui certamente a principal fonte antiga, na qual vêm beber seus sucessores. Por outro lado, Prisciano, que influenciou consideravelmente os lógicos e gramáticos da Idade Média, já se referia nas suas *Institutiones grammaticae* a essa cópula ao escrever que: “[...] o verbo ‘ser’, que os Gregos chamam de ‘o existente/o ser’ (*huparktikon*), nós podemos o nomear ‘substantivo’”.³ Portanto, o verbo substantivo *esse* ocupa um lugar central nas filosofias da lógica das épocas antiga e medieval.

O presente trabalho diz respeito essencialmente ao tema da predicação e do verbo substantivo em Abelardo. De maneira mais específica, queremos examinar o estado atual da questão

1 Abelard 1919-1927, p. 360, 13-14.

2 Aristotle 1938, *On Interpretation* 12, 21b 9-10.

3 “[...] ‘sum’ uerbo, quod *huparktikon* Graeci uocant, quod nos possumus substantiuum nominare.” (*Institutiones grammaticae* VIII, 51, 414, 14-15. In: Abelard 1970, p. XLI). Cf. Kneale & Kneale 1962, p. 206.

sobre a antecedência e a influência do pensamento de Abelardo sobre a lógica proposicional contemporânea de ascendência fregeana. Com efeito, o Mestre do século XII teria proposto uma análise bipartida da proposição, intimamente ligada à questão da predicação e do verbo substantivo, antes de qualquer outro lógico da história da filosofia. Veremos, já na primeira parte, as principais interpretações dominantes e bastante categóricas sobre o assunto feitas por medievalistas no século XX. Em seguida, será necessário apresentar o essencial da própria concepção de Abelardo sobre a questão da predicação e do verbo substantivo encontrada nos seus dois principais tratados lógicos, a saber, a *Dialectica* e a *Logica 'Ingredientibus'*.⁴ Na terceira parte, faremos uma distinção de primeira importância para nosso tema entre uso existencial e uso copulativo do verbo substantivo. Na seção seguinte, enfatizaremos o tema peculiar da predicação acidental propriamente dita. Trata-se, sobretudo, de explicar os casos problemáticos ligados à predicação de um acidente conforme ao uso predominantemente existencial ou copulativo do verbo substantivo. Uma vez esclarecidas essas dificuldades, será possível apresentar enfim a teoria dita excepcional que Abelardo teria desenvolvido na *Dialectica* e que seria precursora da lógica contemporânea proposicional. Mostraremos em conclusão, e com o apoio de estudos recentes de alguns medievalistas, que existem razões praticamente determinantes para rejeitar o resultado segundo o qual Abelardo seria um precursor isolado de Frege. Na verdade, a fonte da lógica proposicional fregeana encontra-se, como veremos, em uma escola de pensamento ao mesmo tempo distinta e mais antiga.

Interpretações contemporâneas

É conhecido pelos interessados, desde a publicação da primeira edição da *Dialectica* feita por de Rijk em 1956, que Abelardo apresenta nesse tratado uma concepção da predicação e do verbo substantivo distinta da encontrada na *Logica 'Ingredientibus'*.⁵ Na época, os principais peritos de Abelardo acreditavam que a *Dialectica* coroava a obra lógica desse autor e davam a entender que a visão expressa nela sobre o *verbum substantivum* representava a concepção abelardiana definitiva e acabada sobre o assunto. A questão da cronologia da obra geral

4 Ver as notas 1 e 3 *supra*.

5 Abelard 1970, pp. xxxix-xlvi; Abelard 1919-1927, notadamente as *Glossae super Peri ermenias*, pp. 307-503.

de Abelardo, e dos seus tratados lógicos em particular, constitui uma complicação tremenda, que pode facilmente gerar interpretações, no melhor dos casos, imprecisas e, às vezes, erradas. Ao colocar a *Dialectica* como a última obra lógica importante de Abelardo, comentadores como de Rijk, Kretzmann, Tweedale e Jacobi defenderam a idéia segundo a qual a análise abelardiana da predicação e do verbo substantivo, chamada de *two-part analysis*, constitui uma teoria excepcional, definitiva e precursora da lógica proposicional fregeana.⁶ Nos últimos vinte anos, contudo, aquela cronologia, sobretudo a da obra lógica de Abelardo, foi reexaminada em pormenor, notadamente por Constant Mews⁷, e foram apresentados argumentos bastante convincentes em favor da anterioridade da *Dialectica* em relação à *Logica 'Ingredientibus'*. Na última década essa tese foi apoiada por outros especialistas, como Marenbon e Rosier-Catach⁸, que chegaram à conclusão de que Abelardo não apresentou, afinal, uma interpretação excepcional, definitiva e acabada da predicação e do verbo substantivo na *Dialectica*, já que se trata de uma obra cujas teorias sofreriam de fato novas modificações, reformas e melhoramento. Na verdade, segundo Marenbon⁹, Abelardo nem desenvolve, por exemplo, uma única teoria da predicação na *Dialectica* e a suposta *two-part analysis* diz respeito a uma interpretação alternativa para casos gramaticais problemáticos, ou seja, ela nem seria a teoria dominante nessa obra tendo sido, em parte, abandonada pelo seu autor na *Logica 'Ingredientibus'*.

Na continuação imediata do presente trabalho examinaremos a concepção geral de Abelardo sobre a predicação e o verbo substantivo nos dois principais tratados lógicos hoje disponíveis. Além da influência constante dos comentários aristotélicos de Boécio sobre os assuntos lógicos em geral, Abelardo desenvolveu sua própria teoria a partir, sobretudo, dos tratados gramáticos desenvolvidos nos séculos XI e XII, notadamente as *Glosulae in Priscianum*, que constituem um comentário anônimo sobre o 'Prisciano menor e maior'.¹⁰ Segundo Rosier-

6 Notamos que de Rijk mudou de idéia nos últimos anos sobre esse ponto e que Kretzmann sempre foi mais nuançado acerca do assunto. Cf. De Rijk 1981 e 1986, Jacobi 1986, Kretzmann 1982, Marenbon 1999, Rosier-Catach 1999 e 2003, Tweedale 1976.

7 Mews 1985.

8 Marenbon 1977 e 1999, Rosier-Catach 1999 e 2003.

9 Marenbon 1999.

10 O 'Prisciano maior' corresponde a *Institutiones I-XVI* e o 'Prisciano menor' a *Institutiones XVII-XVIII*. Cf. Rosier-Catach 2003, pp. 176 *sqq.*

Catach, acerca da definição do verbo e da noção de inerência, da significação das partes ‘consignificativas’, e, enfim, da teoria da proposição e da noção de *dictum*, “as *Glosulae in Priscianum* constituem certamente a fonte principal de Abelardo”.¹¹

A concepção abelardiana da pregação e do verbo substantivo

Nas suas *Institutiones*, Prisciano apresenta uma análise relativamente simples do verbo, segundo a qual essa parte do discurso significa acidentes das categorias do agir ou da ação – verbo ativo (*poiein*) – e do sofrer ou da paixão – verbo passivo (*paskhein*).¹² Um elo direto entre palavras e coisas é pressuposto, assim como um paralelo exato entre categorias gramaticais e ontológicas. Os gramáticos medievais sofisticam, sob a influência dos filósofos, essa análise prisciana ao incluir, por exemplo, a idéia de inerência da ação no sujeito que age. As concepções semânticas e ontológicas do nominalista Abelardo, que necessitam a introdução de uma análise mais complexa e refinada, seguem em grande parte essas reflexões dos gramáticos da sua época.

Sabemos que Abelardo admite na sua ontologia somente substâncias particulares, frequentemente chamadas no seu vocabulário de essências (*essentiae*) e formas individuais, que são acidentes.¹³ Por outro lado, as palavras, como nomes, adjetivos ou verbos, possuem a capacidade de significar, graças a um ato prévio de imposição (*impositio, institutio, inuentio*), e assim são ligadas às substâncias ou formas particulares, como diz claramente Abelardo: “[...] *nomina et uerba iam inventa essent et instituta ad significandum* [...]”.¹⁴ O próprio Mestre Pedro enfatiza que essa aptidão para significar indivíduos também causa na mente do ouvinte um pensamento

11 “Les *Glosulae in Priscianum*’ constituent bien la source d’Abélard.” (Rosier-Catach 2003, p. 177).

12 *Institutiones II in toto*; IV, 18; VIII, I, 1. In: Marenbon 1999, p. 202, nota 1. Cf. Abelard 1970, pp. 132-133; Priscian 1855-1859.

13 Cf. Jolivet 1982, cap. II, Marenbon 1997, pp. 117-137.

14 “[...] os nomes e os verbos já foram inventados e instituídos para significar [...]” (Abelard 1919-1927, p. 363, 38-39). Cf. Abelard 1970, p. xl e p. 118, 26-29, Abelard 1933, p. 522, 10-16 e p. 567, 27 *sqq.*, Abelard 1919-1927, p. 112, 34-35 e p. 321, 10-16, Marenbon 1997, pp. 139-143 e pp. 181-184, Marenbon 1999, pp. 202-203, Fumagalli 1970, pp. 31-32.

deles.¹⁵ Essa idéia de causalidade semântica é inspirada na lógica estoica, apesar de constituir para os lógicos da Stoa uma dificuldade séria, visto admitirem na sua ontologia que somente corpóreos (*sômatikoi*) possuem capacidade causal e não os incorpóreos (*asômatoi*), como os *lekta*.¹⁶ Quanto a Abelardo, a sua análise linguística impede que o significado das palavras seja limitado a seu tipo gramatical, de tal forma que os verbos, por exemplo, não se restringem às únicas categorias do agir e do sofrer, ou os adjetivos, à categoria da qualidade. Ainda assim, o tipo gramatical de uma palavra afeta seu significado, apesar de não o determinar, já que é por causa dele que uma palavra funciona como parte significativa de uma frase.¹⁷

Enquanto elemento significativo de uma frase, o verbo caracteriza-se pela sua capacidade de se ligar (*officium copulandi*) às outras palavras, sobretudo ao sujeito, como afirma Abelardo: “[...] *omne verbum cum officio copulandi vel ea que tantum dicuntur de subiecto* [...]”.¹⁸ É por causa desse poder de ligar (*uis copulandi*) que Abelardo defende a idéia segundo a qual todo verbo pode ser usado para predicar. Na oração ‘Sócrates corre’ (*Socrates currit*), por exemplo, o verbo ‘corre’ tem a capacidade de se ligar ao nome ‘Sócrates’ e de assim formar uma frase predicativa. Ao comentar Aristóteles sobre esse assunto, Abelardo conclui:

E é por isso que <Aristóteles> disse que o verbo é sempre signo daquilo que é predicado de outro, <e> mostrou que todo verbo tem a função de ligar o predicado ao sujeito, <ainda que> nem sempre ele (*uerbum*) deva se referir ao tempo, mas antes à compreensão dos verbos.¹⁹

15 Abelard 1970, p. 154, 25-29.

16 Cf. Long & Sedley 1987, cap. 33, Kneale & Kneale 1962, pp.142 *sqq.*

17 Abelard 1919-1927, p. 270, 16-31, p. 346, 29-34, Marenbon 1997, pp. 140-141.

18 “[...] todo verbo com a capacidade de ligar ou somente <com a capacidade de ligar> àquilo que é dito do sujeito [...].” (Abelard 1970, p. 129, 18-19). Cf. *Ibid.*, p. 129, 15-25.

19 “Quod itaque dixit <Aristoteles> verbum semper esse notam eorum que de altero predicantur, omne verbum monstravit habere officium copulandi predicatum subiecto nec illud semper ad temporum, immo ad verborum comprehensionem referendum est.” (Abelard 1970, p. 129, 21-25).

Uso existencial e uso copulativo

Na época de Abelardo, filósofos e gramáticos estimam que o verbo substantivo possa ser predicado de duas maneiras distintas. Em primeiro lugar, é predicado como qualquer outro verbo. Na frase 'Sócrates é', por exemplo, o verbo substantivo liga-se ao sujeito e significa, como verbo 'ser', a existência. Ou seja, 'Sócrates é' quer dizer que Sócrates existe. Comentadores contemporâneos chamam esse tipo de análise de 'uso existencial', ou de 'valor existencial' do verbo substantivo²⁰, nomeado, antes, de 'uso propriamente dito' (*proprie dicitur*) por parte de Abelardo. Vejamos alguns trechos extraídos da *Dialectica*:

[...] e <os verbos> são predicados de maneira própria da seguinte maneira: 'Pedro é', 'Pedro corre'. Cumprem de fato aqui o seu duplo poder, quando não somente possuem a função de ligar, mas também significam a coisa predicada.²¹

E um pouco mais adiante, Abelardo prossegue:

Agora, quando <'é'> é propriamente dito, ele contém a coisa predicada e também atribui, de maneira indeterminada, algo entre coisas existentes, como quando dizemos: 'Pedro é', isto é, 'Pedro é uma coisa entre as coisas existentes'.²²

A mesma idéia encontra-se, nesta vez, na *Logica 'Ingredientibus'*:

20 Cf. Jolivet 1982, pp. 157 *sqq*, Marenbon 1999, p. 203, Rosier-Catach 1999, pp. 150-162 e 2003, pp. 203-212.

21 "[...] proprie autem predicantur <verba> hoc modo: 'Petrus est', 'Petrus currit'; hic enim gemina vi funguntur, cum non solum copulandi officium tenent, sed etiam rei predicate significationem habent." (Abelard 1970, p. 134, 30-32).

22 "Cum autem proprie dicitur <'est'>, rem etiam predicatam continet atque aliquam rerum existentium indeterminate attribuit, veluti cum dicitur: 'Petrus est', hoc est 'Petrus est aliqua de existentibus rebus'." (Abelard 1970, p. 135, 6-9).

Por isso queremos sempre que o verbo substantivo seja lembrado da mesma maneira, a saber, essa pela qual significa todas as coisas em sua essência (existência) e que é, ao mesmo tempo, substantivo e verbo, e é sempre caracterizado em si dessa mesma maneira, como quando é dito: ‘Homem é’, e ‘A brancura é’; o verbo ‘é’ mantém em todos os lugares o mesmo sentido.²³

Lembrando que Abelardo usa a palavra *essentia* no sentido de existência, ele quer dizer aqui simplesmente que o verbo substantivo na segunda posição (*secundum adiacens*) significa potencialmente a existência de todas as coisas, além de possuir a capacidade de se ligar ao sujeito. Essa análise, diga-se de passagem, segundo a qual o verbo substantivo significa a existência de todas as coisas, constitui, como veremos adiante, a principal dificuldade com a qual será confrontado Abelardo quando tratar desse mesmo verbo em terceira posição (*tertium adiacens*) nas predicções acidentais. Esse segundo uso do verbo substantivo, chamado de ‘uso copulativo’, diz respeito a sua capacidade de se ligar ao mesmo tempo ao sujeito e ao predicado, como na oração ‘Sócrates é branco’ (*Socrates est albus*).²⁴ Nesse caso, o verbo substantivo perde a sua capacidade de significar a existência de todas as coisas e predica acidentalmente, como indica Abelardo na *Dialectica*:

Mas não podemos omitir que os verbos encontrados nas frases são ditos serem predicados de maneira própria e de maneira acidental. [...] ‘É’ é dito ser predicado por acidente e não de maneira própria, quando esse <verbo> é apostado ao predicado somente para se ligar a ele, assim como <na frase>: ‘Pedro é homem’. [...] E quando ‘é’ é predicado em terceira posição (*tertium adiacens*), as aposições ocorrem de duas maneiras. O verbo é dito ‘adjacente’²⁵ quando é apostado ao predicado somente para se ligar a ele. <O verbo ‘é’> não é colocado para <se referir> à coisa predicada, mas apenas para se ligar àquilo que é predicado.²⁶

23 “Volumus itaque verbum substantivum in eadem significatione retentum, scilicet qua omnia significat in essentia, et substantivum esse et verbum et idem semper notari ipso, veluti cum dicitur: ‘homo est’, et ‘albedo est’, eundem ubique sensum ‘est’ verbum tenet.” (Abelard 1919-1927 (*Super peri ermenias*), p. 347, 23-26).

24 Cf. Jolivet 1982, pp. 56-62, Marenbon 1999, pp. 203 *sqq.*, Rosier-Catach 1999, pp. 150-162 e 2003, pp. 198-212.

25 Adjacente ou contíguo.

26 “Non est autem illud pretermittendum quod verba in enuntiationibus posita modo proprie, modo per accidens predicari dicuntur [...] Per accidens autem et non proprie predicari dicitur, cum ipsum predicato ad

Em resumo, o verbo substantivo caracteriza-se, tanto na *Dialectica*, quanto na *Logica 'Ingradientibus'*, pela sua imposição sobre todas as coisas segundo a sua essência. Ou seja, a sua *impositio* ocorre sobre os particulares existentes segundo a sua substância. Através desse fato ele se distingue dos outros verbos, que são impostos sobre os acidentes ligados aos sujeitos. Trata-se do fundamento da teoria abelardiana da cópula.²⁷ Por exemplo, como vimos, quando dizemos 'Sócrates é', não significamos nenhum acidente de Sócrates, mas designamos apenas o próprio Sócrates como sendo uma das coisas que existem (*aliqua de existentibus rebus*).²⁸ Por outro lado, esse significado existencial do verbo 'ser' também explica a sua capacidade copulativa, já que esse verbo significa todas as coisas segundo a sua essência. A imposição, que fundamenta o uso existencial, permite a função copulativa do verbo substantivo.²⁹ Consequentemente, esses dois significados são, ao mesmo tempo, ligados e distintos, como aponta Abelardo:

Mas com certeza o verbo substantivo, que significa da mesma maneira todas as coisas segundo a sua essência, pode <também> ligar (*copulare*) quaisquer essências.³⁰

Predicação accidental propriamente dita

A predicação accidental (*accidentaliter/casualiter*) distingue-se, em Abelardo, da predicação natural (*naturaliter*), na qual o predicado significa o que é substancialmente o sujeito, como nas

eius tantum copulationem apponitur, ita: 'Petrus est homo'. [...] Quando autem 'est' tertium adiacens predicatur, dupliciter fiunt appositiones; adiacens enim in eo dicitur verbum quod predicato apponitur ad ipsum tantum copulandum, nec pro subiecta re predicanda ponitur, sed ut tantum copulet id quod predicatur." (Abelard 1970, p. 134, 28-30, 32-34, p. 135, 2-6).

27 Cf. Abelard 1970, p. 131, 4-6, Abelard 1919-1927 (*Super peri ermenias*), p. 347, 24, p. 347, 34-37, p. 362, 21-29, Marenbon 1999, pp. 203-205, p. 212.

28 Ver nota 22 *supra*. Cf. Abelard 1970, p. 135, 6-9.

29 Cf. Kretzmann 1982, pp. 496-498.

30 "At vero substantivum verbum, quod eque omnia secundum essentiam suam significat, quaslibet potest essentias copulare." (Abelard 1970, p. 131, 23-25).

frases ‘Sócrates é homem’, ‘Sócrates é racional’ ou ‘Homem é animal’.³¹ Todavia, quando Abelardo discute a questão do verbo substantivo, interessa-se somente pela predicação accidental.³² Na ocasião ele tenta resolver o seguinte problema: quais são as coisas que o verbo ‘ser’ liga numa frase como ‘Sócrates é branco’?³³ Vimos que esse verbo é imposto sobre todas as coisas segundo a sua essência, e não a partir de qualquer característica accidental. Assim, não seria o acidente da brancura que o verbo ligaria a Sócrates, mas a substância branca, isto é, o indivíduo designado por ‘branco’. Mas, ora, aquele que afirma ‘Sócrates é branco’ simplesmente quer dizer que o acidente da brancura está ligado a Sócrates. O caso em questão permite a Abelardo explicar, tanto na *Dialectica* quanto na *Logica ‘Ingredientibus’*, as análises possíveis de uma frase predicativa e afastar-se das que considera irrelevantes.

Abelardo propõe respostas distintas para tornar inteligível esse problema preciso. Primeiro, distancia-se da análise de contemporâneos segundo a qual uma oração como ‘Sócrates é branco’ afirma simplesmente que um acidente, a brancura, está sendo predicado de ou ligado, como adjacente (*ut adiacentem attribui*), a Sócrates.³⁴ Na *Dialectica*, Abelardo defende, antes, que tal frase predicativa liga, por intermédio do verbo substantivo, duas essências – Sócrates e uma coisa branca –, mas também sugere que um acidente, a brancura, está ligado a Sócrates.³⁵ Enfim, o lógico mantém, nas *Glosae super Peri hermeneias* da *Logica ‘Ingredientibus’*, que em ‘Sócrates é branco’ o que se predica é somente um acidente, qual seja, a brancura de Sócrates, mas também se afirma, graças ao significado do verbo ‘ser’, que as duas essências – Sócrates e a coisa

31 “Naturaliter autem de altero predicatur quod ei substantialiter inest, ut ‘animal’ vel ‘rationale’ de homine.” (Abelard 1970, p. 361, 19-20).

32 Abelard 1919-1927, p. 58, 33, p. 61, 29.

33 Cf. Abelard 1970, p. 131, 26-30.

34 “Hi enim solam albedinem aut rationalitatem michi ut adiacentem attribui dicunt, <in> eo quod qui me album esse proponit, me albedine informari dicit atque ipsam michi adiacere ostendit.” (Ibid., p. 131, 30-33).

35 “Sed profecto magis ad sensum propositionis atque ad officium substantivi verbi illam predicationem pertinere iudico, que est de subiecto albedinis, quod ab ‘albo’ nominatur, quam eam que est de adiacentia ipsius, que per ‘album’ determinatur. Cum enim aliquem dicimus esse album, hoc est proponimus ipsum esse aliquem ex his que albedine informantur, secundum copulationem essentie illud quod esse dicitur, proprie per ‘est’ verbum predicatur, hoc est res albedine informata. [...] Illa itaque predicatio essentie, que in eo est quod hoc illud esse dicitur, proprie ex verbis propositionis exprimitur [...]” (Ibid., p. 131, 33, p. 132, 6).

branca – estão ligadas.³⁶ Saliento que essas duas últimas análises frequentemente constituem a referência a partir da qual se tenta identificar a datação desses dois mais importantes tratados lógicos de Abelardo.³⁷

Em resumo, a maior distinção entre a concepção da *Dialectica* e a da *Logica 'Ingredientibus'* diz respeito à intenção do locutor ou a uma questão de ênfase. Enquanto a função do verbo substantivo de ligar essências predomina na *Dialectica*, deixando em segundo plano a intenção daquele que quer simplesmente indicar a ligação de um acidente a um sujeito, encontra-se o inverso na *Logica 'Ingredientibus'*, onde a mesma intenção se torna prioritária, sem abandonar inteiramente, todavia, a função do verbo 'ser' como na primeira opção considerada por contemporâneos de Abelardo, como vimos. Algumas décadas atrás, a visão exposta na *Dialectica* era chamada de 'predicação de um acidente baseada na identidade' por de Rijk ou Pinborg, por exemplo, que também nomearam a teoria encontrada na *Logica 'Ingredientibus'* de 'predicação de um acidente baseada na inerência'³⁸, mas essas apelações foram hoje em dia abandonadas, até mesmo pelo próprio de Rijk e outros.³⁹ Na verdade, toda a questão da inerência em Abelardo, e *a fortiori* da identidade, não se reduz a esse único problema da predicação accidental, e conduz eventualmente a temas variados e bastante complexos.

36 "Duo itaque coniunguntur Socrati per album praedicatum, albedo scilicet in adiacentia et album, id est ipsum affectum albedine, in essentia, sola tamen albedo praedicatur, quia sola coniungi intenditur. Non enim quicquid coniungitur, praedicatur, sed id solum quod propositione coniungi intenditur [...] Unde ut et album copuletur in adiacentia et secundum substantivum 'album' coniunctio essentiae vere ponatur, adiectivum quod est album, coniungitur verbo quod et formam quam significat adiacentem praedicet et fundamentum quod nominat essentialiter secundum albedinem tantum praedicet, quod in ea tantum vi, ut dictum est, poni intenditur." (Abelard 1919-1927, p. 360, 23-27, 34-p. 361, 3).

37 Cf. de Rijk In: Abelard 1970, pp. xli-xliii e de Rijk 1981 e 1986, Jacobi 1986, Kretzmann 1982, Marenbon 1999, pp. 205-207, Mews 1987, Pinborg 1972, Rosier-Catach 1999 e 2003, Tweedale 1976.

38 Cf. de Rijk In: Abelard 1970, pp. xli-xliii, Pinborg 1972, pp. 53-54.

39 Cf. de Rijk In: Abelard 1970, p. 102, nota 24, Malcom 1979, pp. 383-400, Marenbon 1999, pp. 206-207, nota 3.

Uma teoria excepcional

Temos agora condições de examinar a dita ‘teoria excepcional’ do verbo unitário aparentemente desenvolvida na *Dialectica*. Trata-se, na verdade, de uma análise que faz parte da teoria geral da predicação acidental encontrada no mesmo tratado, mas que diz respeito somente a casos limitados e problemáticos. A análise da predicação acidental é confrontada com uma nova dificuldade quando é questão de ligar coisas que não existem. Segundo a concepção desenvolvida na *Dialectica*, o verbo substantivo possui a capacidade de ligar essências, graças a sua imposição sobre todas as coisas segundo sua essência ou substância. Existe evidentemente um problema com coisas imaginárias, por exemplo. Como o verbo ‘ser’ pode, neste caso, ligar coisas que não existem? Apesar disso, uma frase como ‘A quimera é imaginável’ (*Chimaera opinabilis est*) é significativa e, além disso, verdadeira! Para resolver esse tipo de questão, Abelardo teria apresentado na *Dialectica* uma solução considerada por alguns comentaristas contemporâneos como definitiva e, sobretudo, precursora da análise proposicional fregeana bipartida (*two-part analysis*).⁴⁰ Veremos que a concepção apresentada por Abelardo nessa obra para resolver casos problemáticos de predicação não é nem única, nem definitiva, nem precursora, nem limitada à *Dialectica*.

A análise predicativa dita excepcional consiste, basicamente, em considerar o verbo e o predicado como uma unidade verbal única. Por exemplo, a oração ‘Sócrates é branco’ reduz-se a uma frase do tipo ‘Sócrates corre’, como diz Abelardo:

[...] quando se diz ‘é homem’ ou ‘é imaginável’ ou ‘é branco’, entendemos como se fosse um verbo único, ‘ser homem’ ou ‘ser branco’ ou ‘ser imaginável’.⁴¹

Ora, Abelardo usa essa análise para resolver, entre outras coisas, a questão dos seres imaginários e não existentes.⁴² Numa frase como ‘Quimera é imaginável’, é necessário que a predi-

40 Ver nota 6 *supra*.

41 “[...] ac cum dicitur: ‘est homo’ vel ‘est opinabile’ vel ‘est album’ pro uno verbo ‘esse hominem’ vel ‘esse album’ vel ‘esse opinabile’ intelligamus.” (Abelard 1970, p. 138, 15-17).

42 A predicação acidental também diz respeito a casos como a *contradictio in adiecto* ou a *oppositio in*

cação seja acidental, já que toda predicação, usando a cópula, também é acidental.⁴³ Mesmo que o verbo substantivo ligue essências, por causa da sua imposição sobre todas as coisas segundo a sua substância, é preciso distinguir o uso existencial do uso copulativo para bloquear orações implicando na existência de seres fictícios, como no caso de ‘S é P’, logo ‘S’ existe. Nesse tipo de frases, o verbo substantivo perde seu sentido existencial em favor do seu uso copulativo, que, como vimos, é daquele derivado.⁴⁴

Na *Dialectica*, Abelardo quer propor uma análise geral da predicação, que inclui não somente casos figurativos ou de *translatio*, como ‘Este cadáver é um homem morto’⁴⁵, mas também frases como ‘Sócrates é branco’ e ‘Homero é poeta’. Mas essa solução, conhecida como teoria do verbo unitário, serve, na verdade, apenas para resolver alguns tipos de predicação particulares. Primeiro, Abelardo usa a sua análise bipartida (*two-part analysis*) no caso de conflito entre o tempo do verbo e o do predicado. Por exemplo, na frase ‘Este estará sentado’ (*Iste erit sedens*) o verbo refere-se ao futuro, enquanto o predicado ao presente,⁴⁶ segundo a própria concepção do *De interpretatione*.⁴⁷ Em segundo lugar, esse mesmo procedimento é usado quando a análise tripartida implica em falsidade, como na oração ‘Uma certa criança será idosa’ (*Quidam puer erit senex*). Nesse caso, se a cópula não estivesse ligada ao predicado (*pro uno verbo*),⁴⁸ a interpretação dessa frase deveria ser: alguém seria idoso mantendo-se criança. Ora, na *Dialectica* Abelardo afirma, bem antes da sua explicação do verbo unitário, que toda predicação que usa a cópula é acidental,

adiecto, assim como a *translatio*, que não discutimos aqui. Cf. Jolivet 1982, pp. 56-62, 76-77, 210-211, 279-284, Rosier-Catach 1999, e 2003.

43 Abelard 1970, p. 134, 32-34. Abelardo usa o exemplo ‘*Petrus est homo*’ como um caso de predicação acidental, mesmo que não se trate, claramente, da predicação de um acidente.

44 Abelard 1970, p. 136, 37, p. 139, 28.

45 “*Hoc cadaver est homo mortuus*” (Abelard 1970, p. 130, 28-32, p. 116, 16 *sqq.*). Cf. Abelard 1919-1927 (*Super peri ermeneias*), p. 378, 29-31, Jolivet 1982, pp. 56-62, Rosier-Catach 2003.

46 Abelard 1970, p. 138, 27-30. Segundo a análise *in ui duarum partium* é falso que este será um dos que estão sentados, já que ainda não está sentado. Mas na interpretação *in ui unius partis*, é verdadeiro que este homem estará sentado no futuro. Cf. Rosier-Catach 1999, p. 152.

47 Aristotle 1938, *On Interpretation* 2, 16a 19.

48 Cf. Abelard 1970, p. 138, 11-17, Rosier-Catach 1999, pp. 145-149, pp. 150-156.

mas rejeita essa generalização um pouco mais adiante.⁴⁹ Ou seja, a interpretação dita excepcional encontrada na *Dialectica* é, na verdade, usada somente como solução possível para resolver casos problemáticos, como acabamos de ver. Ela não é, desse fato, nem única, nem da própria autoria de Abelardo, já que havia sido proposta por alguns pensadores (*nonnulli*) na época do lógico.⁵⁰

A teoria do verbo unitário apresentada na *Dialectica* tampouco é definitiva, pois, apesar de aí se apresentar como interpretação parcial da predicação, ela serve igualmente na *Logica 'Ingredientibus'* para resolver ocorrências similares. Abelardo vai, todavia, insistir sobre o fato de que se trata, nessa ocasião, de uma predicação da cópula *quasi per accidens*, e prefere usar em seguida a expressão 'predicação figurativa' no caso das predicacões acidentais.⁵¹ Então nosso protagonista abandona, na *Logica 'Ingredientibus'*, a teoria do verbo unitário como tentativa de explicação geral da cópula, e vai doravante analisar as predicacões acidentais a partir do seu sentido não literal.

Na *Logica 'Ingredientibus'*, tanto nas glosas sobre o *De interpretatione*, quanto nas sobre *Os tópicos*⁵², Abelardo deve distinguir o sentido copulativo do verbo 'ser' do seu sentido existencial, já que não mais considera que todas as predicacões usando a cópula sejam acidentais. Primeiro, quando a predicação diz respeito a algo inexistente, ele sugere a possibilidade de transferir o verbo substantivo para um sentido apelativo (*in sensu nuncupativo*).⁵³ Por exemplo, a frase 'Uma quimera é uma quimera' é analisada como 'Uma quimera chama-se de quimera'. Em uma segunda explicação, Abelardo afasta o sentido existencial do verbo 'ser' e mantém somente o seu uso copulativo, tirando assim a possibilidade que signifique acidentes, como no caso dos outros verbos, ou coisas segundo a sua essência. Ao não querer mais derivar o sentido copulativo do sentido existencial, Abelardo chega à conclusão de que o verbo 'ser' não significa nada,

49 Na análise *in ui unius partis*, a frase em questão é verdadeira, já que esta criança será no futuro um idoso, mas é falso *in ui duarum partium* que esta criança será uma daquelas que são idosos hoje. Cf. Abelard 1919-1927, p. 349, 19-31, Rosier-Catach 1999, p. 152.

50 Abelard 1970, p. 161, 25-26, p. 170, 21-25.

51 Abelard 1919-1927, p. 362, 4-6, p. 479, 41-p. 480, 3. Sobre o sentido 'não literal' da predicação acidental em Abelardo, cf. Rosier-Catach 1999 e 2003.

52 Rosier-Catach 2003.

53 Abelard 1919-1927, p. 361, 19-25.

mas também não é sem significado nenhum.⁵⁴ Esse vocabulário lembra as concepções abelardianas do *status* e do *dictum propositionis*, segundo as quais se trata de duas entidades que não são coisas nenhuma, mas que também não são nada.⁵⁵ No caso atual, Abelardo quer dizer que o verbo substantivo não produz nenhuma intelecção (*intellectus*) em si, mas serve para ligar as intelecções geradas pelo sujeito e o predicado, e, assim, constituir uma afirmação. Ou seja, o verbo 'ser' comporta-se, nesse caso, como um tipo de termo sincategoremático, como diz Klaus Jacobi em um artigo recente.⁵⁶ Esse tipo de análise, que considera que o verbo 'ser' pode ligar graças à sua *impositio* (*ex proprie inventione*), permite considerar não somente coisas existentes, mas também coisas inexistentes (*tam existentia quam non existentia copulet*).⁵⁷

Em conclusão, queremos primeiro determinar se a análise bipartida da predicação proposta por Abelardo na *Dialectica*, chamada de *two-part analysis*, constitui realmente uma teoria precursora da concepção fregeana da lógica proposicional. Em seguida, tentaremos definir se a interpretação do verbo unitário, apresentada na mesma obra, forma verdadeiramente uma teoria excepcional. Pretendemos mostrar que essa análise é muito mais antiga que deixa pressupor os comentários dos medievalistas nas últimas décadas.

Vimos que os principais comentadores da lógica de Abelardo na segunda metade do século XX enxergam na teoria do verbo unitário descrita na *Dialectica* um paralelo com a lógica proposicional de Frege, na medida em que fornece uma análise bipartida da predicação.⁵⁸ Nos últimos anos, esse entusiasmo foi diminuído pelos estudos de outros pesquisadores, sobretudo Marenbon e Rosier-Catach, que apresentaram argumentos convincentes sobre a própria análise de Abelardo, os quais favorecem, indiretamente, o abandono dessa hipótese.⁵⁹

Em poucas palavras, ver em Abelardo um precursor de Frege implica demonstrar uma uniformidade e uma semelhança entre o predicado composto da teoria do verbo unitário e a

54 Ibid., p. 339, 20-p. 340, 6, p. 451, 18.

55 Cf. Jolivet 1982, pp. 77-95.

56 Cf. Jacobi 1986, pp. 146-148.

57 Abelard 1919-1927, p. 362, 21-25.

58 Ver a nota 6 *supra*.

59 Marenbon 1997 e 1999, Rosier-Catach 1999 e 2003.

função da lógica proposicional contemporânea. Marenbon acha que se trata de um paralelismo superficial, que esconde distinções fundamentais entre as duas abordagens.⁶⁰ Como diria Chomsky, Abelardo não apresenta uma análise da estrutura profunda das frases predicativas, mas sugere respostas pontuais acerca do verbo substantivo, que significa todas as coisas segundo sua essência por causa da sua imposição. Trata-se mais de uma teoria do verbo *sum* latino do que propriamente uma teoria geral da predicação. Por outro lado, a análise fregeana propõe uma sintaxe coerente de uma língua simbólica que produz uma semântica na qual os símbolos podem ser interpretados, assim como as coisas no mundo, às quais se referem variáveis (x, y, z) e constantes individuais ($a, b, c...$).⁶¹ Por exemplo, a frase 'Sócrates é branco' é simbolizada pela expressão 'Fa', na qual 'a' é uma constante individual, referindo-se a Sócrates, enquanto 'F' é a função que tem valor de verdade se e somente se o argumento apresenta uma coisa branca. Em suma, a lógica fregeana constitui uma análise lingüística universal, enquanto Abelardo tenta explicar uma linguagem natural, na qual intervêm fatores convencionais psicológicos, como a intenção do locutor, e o respeito da imposição das palavras.

Concluiremos esse estudo respondendo brevemente à seguinte pergunta acerca do suposto caráter excepcional da teoria do verbo unitário da *Dialectica*: trata-se de uma análise exclusiva, definitiva e precursora? Sobre o valor exclusivo ou único dessa concepção, já foi demonstrado por comentadores recentes, como vimos, que Abelardo a propõe como solução parcial em casos problemáticos de predicação acidental.⁶² Além disso, essa solução reaparece transfigurada (*quasi per accidens*) na *Logica 'Ingredientibus'*, mesmo que não seja retida como solução final.⁶³ Nos dois casos é claro que a teoria do verbo unitário não é uma concepção única, nem exclusiva. Já no que diz respeito ao caráter definitivo dessa teoria, vimos que existem hoje argumentos fortes a favor da anterioridade da *Dialectica* em relação à *Logica 'Ingredientibus'*. Se tal for o caso, torna-se também manifesto que não se trata da concepção definitiva de Abelardo, que seria o resultado de uma longa e madura reflexão sobre essa questão. Enfim,

60 Marenbon 1999, pp. 213-215.

61 ($a, b, c...$) são constantes individuais ou termos que se referem a coisas ou pessoas específicas em um contexto. 'Fa' significa que uma coisa específica, a , é F, e é por isso uma frase completa, verdadeira ou falsa segundo o caso. Pelo contrário, 'Fx' não é uma frase completa, porque nada em particular é referido pela variável 'x'.

62 Marenbon 1999, Rosier-Catach 1999 e 2003.

63 Abelard 1919-1927, p. 362, 4-6, p. 479, 41-p. 480, 3.

é igualmente patente, como acabamos de ver, que a teoria do verbo unitário não é predecessora da teoria proposicional fregeana por apresentar, entre outras coisas, uma abordagem das análises predicativas muito mais limitada e restrita a uma língua natural. Além disso, também ficou claro que Abelardo retoma uma concepção que já tinha sido desenvolvida por alguns (*nonnulli*) dos seus contemporâneos.

Em suma, foi um anacronismo ver na teoria do verbo unitário, ou na *two-part analysis*, uma exceção e um antecedente à lógica contemporânea. A única lógica proposicional conhecida antes de Frege é a dos estóicos, que consideram a proposição (*axiōma*) como elemento significativo ou portador mínimo dos valores de verdade. É na lógica deles que se encontra uma análise bipartida parecida à de Frege, ao considerar aparentemente o verbo e o predicado como uma só entidade, ou seja, um *lekton* incompleto, que é dito de um sujeito. Uma comparação mais minuciosa entre as duas lógicas ultrapassa, contudo, o nosso exame atual.

RESUMO

O verbo ser/estar (esse - einai) constitui um elemento essencial nas análises gramatical e semântica da predicação realizadas desde a história antiga até hoje. Chamado de 'verbo substantivo' já a partir da Antiguidade, esse verbo ser/estar possui duas funções básicas que determinam as interpretações lingüísticas e lógicas: nomeadamente, seu uso existencial e seu uso copulativo. No século XII, Abelardo apresenta nos seus tratados lógicos sua própria concepção da predicação com relação a esse verbo substantivo, notadamente uma teoria dita excepcional por parte de alguns medievalistas contemporâneos importantes, a qual constituiria um antecedente isolado na história do pensamento à lógica proposicional fregeana. O nosso objetivo é, em um primeiro momento, apresentar os principais componentes da interpretação abelardiana da predicação e do verbo substantivo. À luz de recentes estudos, veremos, em seguida, se a análise bipartida da proposição proposta por Abelardo merece esse atributo de ser excepcional.

Palavras-chave: Verbo substantivo, predicação, Abelardo, semântica, lógica.

ABSTRACT

The verb to be (esse - einai) represents an essential element in grammatical and semantic analysis of predication from the antique history to the present day. Named 'substantive verb' since the Antiquity, the verb 'to be' have two basic functions, which determine linguistic and logical interpretations, especially its existential use and its copulative use. In the XIIth century, Abelard presents, in his logical treatises, his own vision of predication related to this substantive verb, in particular a theory said exceptional, by some important contemporary medievalists, which would represent an isolated antecedent in the history of ideas of Fregean propositional logic. Our objective is first, to present the main lines of the Abelardian interpretation of predication and substantive verb. In the light of recent studies, we will see hereafter if the two-part analysis of the proposition proposed by Abelard merits this attribution of being exceptional.

Keywords: Substantive verb, predication, Abelard, semantics, logic.

Referências bibliográficas

ABELARD 1919-1927. *Peter Abaelards Philosophische Schriften*. I. *Die Logica 'Ingredientibus'*. B. Geyer (Ed.). Münster i. W.: Verlag der Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung.

ABELARD 1933. *Peter Abaelards Philosophische Schriften*, II. *Die Logica 'Nostrorum petitioni sociorum'*. B. Geyer (Ed.), Münster i. W.: Verlag der Aschendorffschen Verlagsbuchhandlung.

ABELARD 1970. *Dialectica*. L.M. de Rijk (Ed.). Assen: Van Gorcum & Comp. N.V. – Dr. H.J. Prakke & H.M. G. Prakke.

ARISTOTLE 1938. *The Organon*. I. *The Categories. On Interpretation*. Translation and notes by H.P. Cooke. *Prior Analytics*. Translation and notes by H. Tredennick. The Loeb Classical Library. London: William Heinemann LTD/Cambridge: Harvard University Press.

DE RIJK, L.M. 1981, "Die Wirkung der neuplatonischen Semantik auf des mittelalterliche Denken über das Sein". In: *Sprache und Erkenntnis im Mittelalter*, I. *Miscellanea Medievalia* 13/1. Berlin/New York: De Gruyter, 1981, pp. 19-35.

DE RIJK, L.M. 1986. "Peter Abelard's Semantics and his Doctrine of Being". *Vivarium* 24, pp. 85-127.

FUMAGALLI, M.T. 1970. *The Logic of Abelard*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

JACOBI, K. 1986. "Peter Abelard's Investigations into the Meaning and Functions of the Speech Sign 'Est'". In: *The logic of Being*. S. Knuuttila & J. Hintikka (Eds). Dordrech: Reidel, pp. 145-180.

JOLIVET, J. 1982. *Arts du langage et théologie chez Abélard*. Paris: Vrin.

KNEALE, W.C. & KNEALE, M. 1962. *The Development of Logic*. Oxford: Clarendon Press.

KRETZMANN, N. 1982. "The Culmination of the Old Logic in Peter Abelard". In: *Renaissance and Renewal in the Twelfth Century*. R.L. Benson & G. Constable (Eds). Oxford: Oxford University Press, pp. 488-511.

LONG, A.A. & SEDLEY, D.N. 1987. *The Hellenistic Philosophers*. I. *Translations of The Principal Sources, with Philosophical Commentary*. II. *Greek and Latin Texts, with Notes and Bibliography*. Cambridge: Cambridge University Press.

MALCOLM, J. 1979. "A Reconsideration of the Identity and Inherence Theories of the Copula". *Journal of the History of Philosophy* 17, pp. 383-400.

MARENBOON, J. 1997. *The Philosophy of Peter Abelard*. Cambridge: Cambridge University Press.

MARENBOON, J. 1999. "Abélard, la prédication et le verbe 'être'". In: *Langage, sciences, philosophie au XIIIe siècle*. J. Biard (Ed.). Paris: Vrin, pp. 199-215.

MEWS, C. 1985. "On Dating the Works of Peter Abelard". *Archives d'histoire doctrinale et littéraire du moyen âge* 52, pp. 73-134.

MEWS, C. 1987. "Aspects of the Evolution of Peter Abaelard's Thought on Signification and Predication". In: *Gilbert de Poitiers et ses contemporains: aux origines de la 'logica modernorum'*. J. Joliver & A. de Libera (Eds). Naples: Bibliopolis, pp. 15-41.

PINBORG, J. 1972. *Logik und Semantik im Mittelalter. Ein Überblick*. Stuttgart-Bad Cannstatt: Frommann-Holzboog.

PRISCIAN 1855-1859. *Institutiones grammaticae*. M. Hertz (Ed.). In: H. Keil. *Grammatici Latini*, II-III, Leipzig: Teubner, 1855-1859.

ROSIER-CATACH, I. 1999. "La notion de *translatio*, le principe de compositionnalité et l'analyse de la prédication accidentelle chez Abélard". In: *Langage, sciences et philosophie au XIIIe siècle*. J. Biard (Ed.). Paris: Vrin, pp. 125-164.

ROSIER-CATACH, I. 2003. "Abélard et les grammairiens: sur le verbe substantif et la prédication". *Vivarium* 41, 2, pp. 175-248.

TWEEDALE, M. 1976. *Abailard on Universals*. Amsterdam/New York/Oxford: North-Holland Publishing Company.

Recebido em 04/2011
Aprovado em 05/2011